

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIA. MOREIRA DE SÁ. O ARTISTA E O MESTRE.

LACERDA, Aarão de

Ano: 1937 | Número: 47

Como citar este documento:

LACERDA, Aarão de, Conferência. Moreira de Sá. O Artista e o mestre. *Revista de Guimarães*, 47 (1-2) Jan.-Jun. 1937, p. 131-147.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Homenagem a B. V. MOREIRA DE SÁ

Pela respectiva ordem, segue a notícia das homenagens prestadas à memória de Bernardo V. Moreira de Sá, por esta Sociedade promovidas, que atingiram um excepcional brilhantismo, e mais uma vez chamaram a atenção da Cultura portuguesa para a acção desenvolvida pela mais prestigiosa das Instituições científicas do Norte do País.

Dos numerosos Jornais, quer vimaranenses, quer da capital do distrito, quer do Pôrto, que deram notícia da Festa, foi, sem desprimor para qualquer, o *Comércio do Pôrto* aquele que apresentou uma reportagem mais completa e expressiva, a qual se deve à pena brilhante do jornalista Sr. Hugo Rocha. Dessa extensa notícia tomamos a liberdade de recortar alguns trechos:

Guimarães, que se orgulha, legitimamente, de ser a terra natal de algumas das figuras mais vultosas da Nação e da própria Nacionalidade, manifesta legítimo orgulho, também, por lá ter visto, pela primeira vez, a luz do dia um homem que, na História da Música em Portugal, deixou imorredoiro nome. Bernardo Valentim Moreira de Sá, nascido em 14 de Fevereiro de 1853, numa casa da velha Rua da Tulha, é, sem contestação, uma glória de Guimarães. Para aqueles que não concedem à Arte a importância que ela tem, no progresso e na civilização, é possível que o nome de Moreira de Sá não pareça digno de excepcional destaque. Para aqueles, porém, que reconhecem nos grandes artistas, elementos de engrandecimento das nações e os consideram valores permanentes que muito contribuem para o enriquecimento do erário espiritual das pátrias, o nome de Moreira de Sá tem jus a tôdas as homenagens dos seus compatriotas e dos seus conterrâneos.

Ora, se, dos Portugueses, Moreira de Sá é um nome admirado, se é considerado como exponencial da cultura artística e, em particular, da cultura musical portuguesa, dos vimaranenses, mais próximos dêle, é um nome que vale como um brasão. E, se os bra-

sões, quando da categoria daquele, devem ser ostentados com carinho (chamar-lhe-emos melhor: com uma espécie de orgulho carinhoso), Guimarães não se furta a proclamar, desvanecidamente: Aqui nasceu Moreira de Sá.

.....

A Sociedade Martins Sarmento, que tanto prestigia a Cidade, e a Câmara Municipal de Guimarães merecem louvores pelas homenagens que, em tão boa hora, prestaram à memória de Moreira de Sá. Se a primeira detém o primado espiritual de Guimarães, congregando os maiores valores locais, a segunda representa, oficialmente, a Cidade. O que ambas fizeram, já, e o que ambas poderão, ainda, fazer, são razões de sobra para que os vimaranenses lhes não regateiem aplausos nem incitamentos. Por nosso turno, admiradores sinceros do Mestre homenageado, não seremos dos últimos a aplaudir e a incitar.

O descerramento da lápide comemorativa na fachada da casa onde o Homenageado viveu foi timbrado por uma impressionante grandeza

Era na casa da Rua da Tulha, onde Moreira de Sá nasceu, que a Câmara Municipal de Guimarães projectara colocar uma lápide comemorativa. Foi impossível, porém, até agora, determinar, com absoluta exactidão, essa casa, não tendo aparecido, ainda, quaisquer documentos probatórios de que o evento, honrosíssimo para a cidade, se produziu nesta ou naquela. Assim, não podendo transpôr o obstáculo, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães ladeou-o, ao abrigo do mais louvável dos critérios. E a lápide comemorativa foi colocada na fachada da casa familiar da Rua de Camões, onde o Artista passou alguns anos da sua infância. Imponente, na sua sobriedade de linhas arquitectónicas, é o edifício escolhido para perpetuar o nome de Moreira de Sá. O seu aspecto solarengo, o seu brasão heráldico, o granito de pátina austera da fachada são elementos de beleza e grandeza a considerar. E a lápide, das mais belas e artísticas que temos visto, assenta, ali, como um brasão de outra espécie, não menos digno de admiração.

A cerimónia do descerramento atraíu ao local muitas centenas de pessoas. A banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães apurava-se em frente do edifício em festa. Todas as Instituições



Lápide inaugurada pela Câmara Municipal de Guimarães, no dia 20 de Maio de 1937, no prédio da rua de Camões, que pertenceu à Família Moreira de Sá, e onde viveu Bernardo V. Moreira de Sá.

locais estavam, ali, representadas, vendo-se as bandeiras de uma dezena delas, entre as quais notámos o Orfeão de Guimarães.

Cêrca das 17 horas, chegou a Guimarães a família do Homenageado, representada, em todos os actos solenes, pelo nosso prezado amigo Sr. Major de Engenharia Fernando Moreira de Sá, filho do musicólogo insigne. Logo após a chegada da caravana automobilística, em que havíamos, também, tomado parte, formou-se, em frente à majestosa sede da Sociedade Martins Sarmento, um cortejo a que deu especial vibração a presença da mocidade académica vimaranense.

No salão nobre do edifício entraram os convidados da Câmara Municipal de Guimarães, entre os quais a família do Homenageado, a quasi totalidade do corpo docente do Conservatório de Música do Porto, com o seu director, Sr. Prof. Joaquim de Freitas Gonçalves, e as pessoas mais categorizadas da Cidade.

Quasi tôdas as janelas e varandas da rua de Camões estavam ornadas de colgaduras, abundando, também, as bandeiras. O aspecto era festivo — e a banda de música, tocando marchas vibrantes, mais festivo tornava o ambiente.

Como representante da Câmara Municipal de Guimarães, de cuja Comissão Administrativa faz parte, o illustre publicista, conferencista e orador Sr. A. L. de Carvalho, vimaranense dos mais prestigiosos, proferiu, da varanda, um discurso, breve e impressionante. As muitas centenas de pessoas que se comprimiam, na rua, nas portas, nas janelas e nas varandas, mantiveram-se — facto digno de registo especial — em silêncio absoluto, evidenciando, assim, respeito por quem discursava e por quem suscitava o discurso.

.....

Depois, a encantadora Manuela, filha do Sr. Major Fernando Moreira de Sá, neta do Homenageado, desvelou, a convite do Repre-

sentante da Câmara Municipal de Guimarães, a lápide comemorativa, que estava coberta pela Bandeira Nacional. E o acto, dum simbolismo eloqüente e tocante, provocou mais palmas, muitas e fervorosas palmas.

A banda de música, entretanto, tocava o Hino da Cidade, marcial, comunicativo, evocativo de glórias.

Assomou à varanda, em seguida, o vulto magro do filho de Moreira de Sá. E, em voz firme, mal acusando a emoção que lhe empolgava a alma, Fernando Moreira de Sá, dirigindo-se ao Presidente da Municipalidade de Guimarães e ao público, agradeceu a comovente homenagem prestada à memória de seu Pai.

.....

Ouviram-se mais palmas intensas. E, enquanto parte dos assistentes ficou a admirar a lápide de mármore e a ler as palavras que atestam o significado daquela cerimónia, a família do homenageado, o director e os professores do Conservatório e as outras pessoas de representação que do Pôrto haviam ido assistir às homenagens à memória de Moreira de Sá, foram visitar a Sociedade Martins Sarmento, erário inestimável de Guimarães, que o Arqueólogo insigne e patrono dela recheou de maravilhas.

Findas as visitas, que uma visita a Guimarães impõe, a Sociedade Martins Sarmento ofereceu, na Penha, um jantar à família do homenageado e às pessoas de representação que a acompanhavam.

**Na sessão solene efectuada na Soc. Martins Sarmento,
o vulto do Homenageado foi emoldurado
com as mais admirativas referências**

A' noite, no salão de festas da Sociedade Martins Sarmento, realizou-se uma sessão solene a que assistiu o escol dos meios social, cultural e artístico de Guimarães. O vasto salão rectangular, digno do edificio imponente a que pertence, encheu-se de público, um público cujo parte feminina se apresentou de rigorosa *toilette* de gala, exibindo vestidos elegantes e luxuosos, e cuja parte masculina se destacou pelo número de casacas e *smokings*. O aspecto do recinto, já de si propício ao deslumbramento, era, na verdade, maravilhoso.

Pouco depois das 22 horas, o Sr. Dr. José Francisco dos Santos, devotado presidente da Comissão Administrativa da Câmara

Municipal de Guimarães, que preside à Mesa, ladeado pelos Srs. major de engenharia Fernando Moreira de Sá, como representante da família do homenageado, à direita, e capitão Mário Cardoso, presidente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, à esquerda, declarou aberta a sessão. O Sr. capitão Mário Cardoso, leu, em seguida, as dezenas de telegramas de saudação e adesão à homenagem a Moreira de Sá, que se amontoavam sobre a mesa e eram a melhor prova da admiração votada à figura do grande musicólogo. Entre essas saudações, figuravam as de algumas das mais categorizadas figuras da intelectualidade portuguesa e, sobretudo, de alguns dos mais eminentes artistas nacionais.

Depois, em nome da Instituição prestigiosa a que preside, o Sr. Capitão Mário Cardoso proferiu a seguinte notável alocução :

Minhas Senhoras,
Meus Senhores :

Rezam os monógrafos desta Terra, desde o Cónego Gaspar Estaço ao P.^o Ferreira Caldas, copiando-se e repetindo-se, como bons confrades possuídos de «sciência certa» e inalterável, que o primitivo povoado de *Araduca*, mencionado no séc. II pelo grego Ptolemeu, teve assento no lugar onde hoje se aconchega a pequena cidade de Guimarães. Em nossos dias, menos propícios à fantasia do que êsses que viveram os humanistas de outrora, é precária de consistência esta inofensiva afirmação dos primeiros investigadores da História vimaranense; e menos crédito merecem ainda, antes uma prudente reserva, as subtis etimologias que dão ao desconhecido topónimo a significação, embora lisonjeira para nós, de «cidade das Letras».

Mas, que ponhamos em dúvida tão longínquos pergaminhos literários da nossa terra, é certo porém, indiscutivelmente certo, que esta nobre e antiga Cidade, impregnada de carácter, e em cujas puídas pedras seculares transparece ainda uma evocadora História, pode, sem hesitação, orgulhar-se de ter sido bérço de muitos e gloriosos obreiros do Espírito. As Ciências, as Letras e as Artes aqui têm encontrado, com invulgar frequência, quem dignamente as saiba honrar e cultivar. Facto inesperado, na verdade, se atendermos a que, além de afastada do contágio imediato com os principais centros de Cultura intelectual do País, Guimarães é um pequeno solar provinciano, que, em geral, nos habituámos a conhecer apenas pela merecida fama de algumas indústrias vindas de um longo passado, que por esforço dos nossos mestieiros aqui floresceram e progrediram. Esta flagrante aptidão da nossa Terra no domínio intelectual, em acentuado contraste e dissonância com o seu diminuto desenvolvimento material e demográfico, pode-las-emos, talvez, filiar na influência local, decisiva e imediata, das próprias tradições que prendem Guimarães à História Pátria, fonte inexaurível de transcendentés e elevadas sugestões em todos os quadrantes do pensamento e do sentimento.

Sem tentar cavar mais fundo em busca do filão originário deste fecundo poder de criação espiritual, irradiando em tão modesto e recatado ambiente, o que verificámos de facto, é que, não poucas vezes, Guimarães tem tomado a precedência e o passo, em manifestações de pura inteligência e de Cultura intelectual a outras terras que, pela sua reconhecida importância e progressivo desenvolvimento, em tudo deviam suplantar a nossa.

Conforme ensinou a douda e saudável Investigadora D. Carolina Michaëlis, na sua edição crítica do «Cancioneiro d'Ajuda», Guimarães era já, nos alvares da Monarquia, um notável centro de arte e de cultura, onde existiam, como em Santiago de Compostela e em Leão, escolas para o ensino da música, da poesia e das línguas.

Por meados do século XVI, floresceu no velho Mosteiro da Costa, junto ao nosso pequeno burgo, um dos primeiros colégios de Humanidades de Portugal, com prerogativas iguais às da Universidade de Coimbra, ao qual vieram a educar os Infantes D. Duarte e D. António, respectivamente filho bartardo e sobrinho de El-Rei D. João III.

Em começos do século XVIII um fidalgo desta Terra, Tadeu de Carvalho Camões, fundou a celebrada *Academia Vimaranesse*, que se entregava exclusivamente ao culto das Letras Pátrias, e a cujas sessões literárias concorria o escol da nossa intelectualidade — cónegos da Colegiada, clérigos, bacharéis, homens do fóro, etc.

Há 115 anos, quando o jornalismo português se limitava ainda a Lisboa, Pôrto e Coimbra, já em Guimarães gemiam prelos e corria mundo (um pequeno mundo embora) um dos mais antigos representantes da Imprensa do País, intitulado «O Azemel Vimaranesse», órgão local dos liberais de 1820.

Aqui se organizou, há mais de meio século, um dos nossos primeiros Museus de Arqueologia, que ainda hoje conserva êsse honroso lugar entre as colecções públicas das antiguidades nacionais.

Em 1882 criou-se esta Sociedade Martins Sarmiento, uma das mais antigas e prestantes agremiações culturais portuguesas, cuja influência e acção desenvolvida no Norte do País é bem conhecida.

Finalmente, há poucos anos ainda, o Estado deu instalação condigna e organização ao valioso Arquivo e riquíssimo Tesouro da Colegiada, primitivamente entregues a esta Sociedade, e hoje convertidos em Arquivo Municipal de Guimarães e Museu Regional de Alberto Sampaio, duas Instituições que honram a nossa terra.

Pátria de poetas e comediógrafos ilustres, a começar em Mestre Gil e Manuel Tomás, de historiadores como Alberto Sampaio, de etnólogos da categoria de Martins Sarmiento, de literatos e de artistas, de músicos e de pintores — em todos os tempos e em todos os campos da mentalidade e do pensamento, esta pequena terra de Guimarães tem dado ao País uma excepcional e brilhante falange de valores intelectuais.

Pois bem. Cabe dentro do papel social desta Colectividade a que tenho a honra de presidir, a nobre missão de divulgar, presti-

giar e enaltecer a obra e a memória d'esses vimaranenses notáveis, que melhor souberam e quiseram honrar a terra que lhes foi berço.

Entré os mais ilustres de quantos, aqui nascidos, se distinguiram pelo seu talento, conta-se Bernardo Valentim Moreira de Sá. Em homenagem a este nome que pertenceu a um homem extraordinariamente instruído, inteligente, viajado, activo, e de uma rara sensibilidade artística — realiza hoje a Sociedade Martins Sarmiento este belo Serão de Arte, mercê do inapreciável concurso e excep-

cional competência do Crítico de Arte e nosso ilustre Cónsocio Sr. Professor Dr. Aarão de Lacerda, bem como do auxílio do Professor e Pianista insigne Sr. Luís Costa e de suas gentilíssimas Filhas Sr.^{as} D. Helena e D. Madalena Moreira de Sá e Costa, duas netas de Moreira de Sá, igualmente já devotadas à Arte sublime em que tanto, e com tão raro brilho, se distinguem seu Avô materno, e ora se distingue seu Pai.



Dr. Aarão de Lacerda

Quem foi Moreira de Sá, como Professor de Música, como «virtuoso» do violino, como concertista de música de câmara, director de orquestras e de coros orfeónicos, como musicólogo e erudito da História da Música, como escritor e crítico de Arte, e até como pedagogo e professor do ensino das Matemáticas e de Linguas — vai dizer-nos, com esclarecido e requintado espírito crítico, o Sr. Dr. Aarão de Lacerda. Ele saberá fazer reviver, perante nós, os méritos d'esse vimaranense ilustre, que foi simultaneamente um artista e um cientista, exemplo e modelo de prodigiosa e febril actividade, e

de quanto é capaz o esforço próprio e a tenacidade inquebrantável ao serviço da inteligência. O Sr. Prof. Aarão de Lacerda vai mostrar-nos as facetas mais luminosas dêsse raro e delicado espírito de romântico que foi Moreira de Sá, individualidade tão vasta como complexa, mas submetida a uma perfeita e equilibrada harmonia. Homem de exceisas virtudes, bondoso em extremo, a quem António Arroio chamou «um dos mais nobres talentos» que conhecera, e Oliveira Martins classificou de «incompreensível» na sua altura moral!

O nosso Conterrâneo ilustre a cuja memória a Sociedade Martins Sarmiento consagra hoje esta homenagem, era Sócio Honorário da nossa Colectividade desde o ano de 1891, e fôra proclamado na mesma Assembleia Geral que elevou a igual categoria essa outra glória vimaranense, o erudito Historiador Alberto Sampaio. A proposta, lançada nas Actas e redigida pelo Dr. Avelino Guimarães, um dos Fundadores desta Casa, referia-se a Moreira de Sá nos seguintes termos: «Professor distinto da Escola Normal do Pôrto, excelente escritor de livros de instrução secundária e artística, e auxiliar prestimoso desta corporação, abrihantou, como violiniista de mérito superior, espectáculos públicos em beneficio da Sociedade Martins Sarmiento». Destas palavras se conclui que Moreira de Sá, apesar de ter sido levado, ainda criança, da sua cidade natal, e haver escolhido o Pôrto como terra adoptiva, onde faleceu em 1924, nem por isso esqueceu Guimarães e esta Instituição tão querida dos vimaranenses, a qual serviu com abnegação e desinterêsse, e ofertou sempre, carinhosamente, as suas numerosas obras literárias.

Conhecidissimo, admirado e respeitado no meio portuense, muitos o ignoraram ou esqueceram, por certo, na sua própria terra. Bernardo Valentim Moreira de Sá nasceu em Guimarães, em 1853, na antiga rua da Tulha, num prédio que, infelizmente, já não foi possível identificar.

A Ex.^{ma} Câmara Municipal, associando-se inteligentemente a esta Festa da iniciativa da Sociedade Martins Sarmiento, fêz descerar hoje uma lápide memorativa, na antiga Casa de Família de Moreira de Sá, à rua de Camões, para que não mais, nesta cidade, possa ignorar-se o nome de um Conterrâneo de tão assinalados méritos.

Era o antigo Musicólogo descendente da Ilustre Família da Casa de Sá, próxima de Vizela, na freguesia de Santa Eulália de Barrosas, solar de que é hoje actual proprietário o meu excelente Amigo Sr. Miguel Moreira de Sá e Melo, primo do homenageado. Revelou-se Bernardo Valentim, desde menino, superiormente dotado para as divinas emoções da Arte, para os encantados sonhos de Beleza. Aos 8 anos de idade, acompanhado de seu irmão Félix, outro temperamento precoce de executante, deu o seu primeiro concerto público. Pode dizer-se congénita nesta Família a inclinação para as altas manifestações da Intelligência e as nobres lucubrações do Espírito. D. Ana Amália Moreira de Sá, tia de Bernardo Valentim, foi uma Poetisa de inspirado estro, autora de um livro de versos, que intitulou — *Murmúrios de Vizela*. Seus tios Valentim Moreira de Sá e Menezes, e António Cecioso Moreira de Sá foram, respectivamente, um dramaturgo de incontestável talento e um médico notável, valoroso polemista. Seu avô Miguel António,

foi igualmente um primoroso escritor e um denodado defensor das ideias liberais; por elas seria irremediavelmente sacrificado, se em 1836, nas vésperas de ser executado, não tivesse conseguido fugir, com outros companheiros de cárcere, de uma das torres do Castelo de Guimarães. Seu bisavô, Francisco Joaquim Moreira de Sá, poeta, escritor, teve ainda o mérito de criar, nos princípios do século XIX, uma interessante indústria, então absolutamente desconhecida no País — a do papel vegetal, construindo uma fábrica, na qual arruinou a sua fortuna (sempre os sonhadores!), e cujos vestígios dos alicerces se vêem ainda, junto às verdejantes margens do rio Vizela, no conhecido lugar da Cascalheira.

Numa palavra: o Vimaranense notabilíssimo, a cuja memória prestamos hoje o nosso culto, era o descendente ilustre de uma antiga e fidaiga estirpe de intelectuais e de uma dinastia de artistas que, mercê de Deus, não cessa hoje de renovar-se e prolongar-se, como ramos viçosos de um velho tronco secular.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Antes de encerrar estas singelas palavras que, na qualidade de Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, e para abrir este Sarau, me cumpria pronunciar em honra de Moreira de Sá, quero agradecer a S. Ex.^a o Sr. Presidente da Câmara Municipal a distinta honra que nos den de presidir a esta Comemoração. Ao Ex.^{mo} Sr. Major Fernando Moreira de Sá, filho do insigne Homenageado, bem como às restantes pessoas de sua Família aqui presentes, e a todas as entidades representativas que acederam ao nosso convite devo igualmente expressar o profundo agradecimento da Direcção desta Sociedade.

Finalmente dirijo o nosso especial reconhecimento às pessoas que, tão distinta e dedicadamente, nos auxiliaram na realização deste Sarau, e connosco quiseram colaborar: — o Sr. Dr. Aarão de Lacerda, Professor na Escola de Belas Artes do Pôrto e no Conservatório de Música, Conferencista ilustre, Escritor, Publicista, autoridade incontestada em assuntos musicais, de História da Arte e de Arqueologia, autor insigne de primorosos trabalhos literários e científicos, tais como o *Fenómeno Religioso e a Simbólica*, o *Pantheon dos Lemos*, *Crônicas de Arte*, *Lucernas* e tantos outros.

O Sr. Luís Costa, Pianista e Musicólogo, Professor no Conservatório de Música do Pôrto, Artista de reputação internacional, executante perfeito, na posse de uma técnica inexcedível e de um admirável poder de interpretação, foi discípulo dilecto de seu Sogro, o homenageado nesta sessão, e de alguns dos mais notáveis músicos nacionais e estrangeiros, tendo tocado, ao lado de artistas eminentes, nas principais capitais da Europa. Como Compositor de largos recursos é autor de vários *lieder*, dos adoráveis *Poemas do Monte* e das *Telas campesinas*. Deste insigne Pianista disse o Dr. Manuel Ramos, saído Professor da Faculdade de Letras de Lisboa: «O Norte Português não tem um Artista que se lhe compare. Como Pianista, Professor e Compositor, é uma das mais altas e inconfundíveis personalidades do nosso meio, nas últimas três décadas».

Suas Filhas, as Ex.^{mas} Senhoras D. Helena e D. Madalena Moreira de Sá e Costa, dois temperamentos de Artistas, duas

extraordinárias vocações, cujo talento honra e dignifica o Nome ilustre que herdaram. D. Helena Costa, laureada do Conservatório Nacional de Lisboa, começou com sua Mãe (outra Professora distintíssima) a sua educação musical; foi discípula de seu Avô, de seu Pai, de Viana da Mota (conquistando o prêmio Beethoven instituído por este Artista), de Loyonnet e Cortot em Paris, de Fischer e Hansen, em Berlim. Tem demonstrado triunfalmente os seus méritos de Pianista em diversos recitais, quer em Portugal, quer no Estrangeiro, especialmente na Alemanha, onde tomou parte em concertos realizados no Palácio de Mármore, de Potsdam, revelando a sua técnica segura e sabendo honrar o nome de Portugal, perante algumas das maiores sumidades artísticas contemporâneas.

D. Madalena Costa, «virtuose» do violoncelo, iniciou, como sua Irmã, a educação artística na casa paterna, que é um verdadeiro templo consagrado à deusa inspiradora da Música. Discípula da eminente Guilhermina Suggia, foi por esta considerada a sua mais talentosa aluna. Como sua Irmã, conta igualmente tantos triunfos, quantos os concertos que tem dado. A modéstia de ambas me perdoará estas palavras de justiça e de agradecimento.

¿ Que mais expressiva homenagem poderia pois, minhas Senhoras e meus Senhores, a Sociedade Martins Sarmento promover à memória de Moreira de Sá, do que fazer ressoar neste Salão as palavras eloqüentes do Professor Sr. Dr. Aarão de Lacerda, que vão ser ouvidas em apologia do Artista e do Mestre, do que fazer vibrar, por mãos encantadas, acordes divinos e harmonias incomparáveis, que em vida lhe embalaram a alma? ¿ Que mais digna exaltação do nome de Moreira de Sá do que o trazer a esta Sessão que lhe é consagrada, na própria Terra que o viu nascer, o concurso espiritual de quem, pertencendo ao seu sangue e à sua descendência ilustre, com tanto brilho sabe hourar a obra do antepassado, saudável e querido Mestre?

Creio, portanto, Senhoras e Senhores, poder afirmar, com íntimo júbilo, que esta Sociedade Martins Sarmento marca hoje mais uma data inesquecível nas suas brilhantes efemérides, dignificando a principal missão para que foi criada — o culto dos nobres valores da Inteligência.»

Atentamente escutadas, as palavras do Sr. Capitão Mário Cardoso foram premiadas com muitos aplausos, aplausos que envolveram, merecidamente, a família de Moreira de Sá, o Conferente da sessão e os Concertistas do sarau de arte, figuras de escol com jus à admiração de todos.

Na sua conferência sobre Moreira de Sá, o Sr. Dr. Aarão de Lacerda evocou, com justeza e emoção, o Artista e o Mestre

Saudado com os aplausos do auditório, o Sr. Dr. Aarão de Lacerda iniciou a apresentação do seu trabalho, que lamentamos não nos ser dado reproduzir na íntegra, e cujo tema

Algumas palavras àcêrca de Moreira de Sá — o Artista e o Mestre

era promitente dum estudo à altura, em tudo e por tudo, da craveira mental do ilustre professor e escritor.

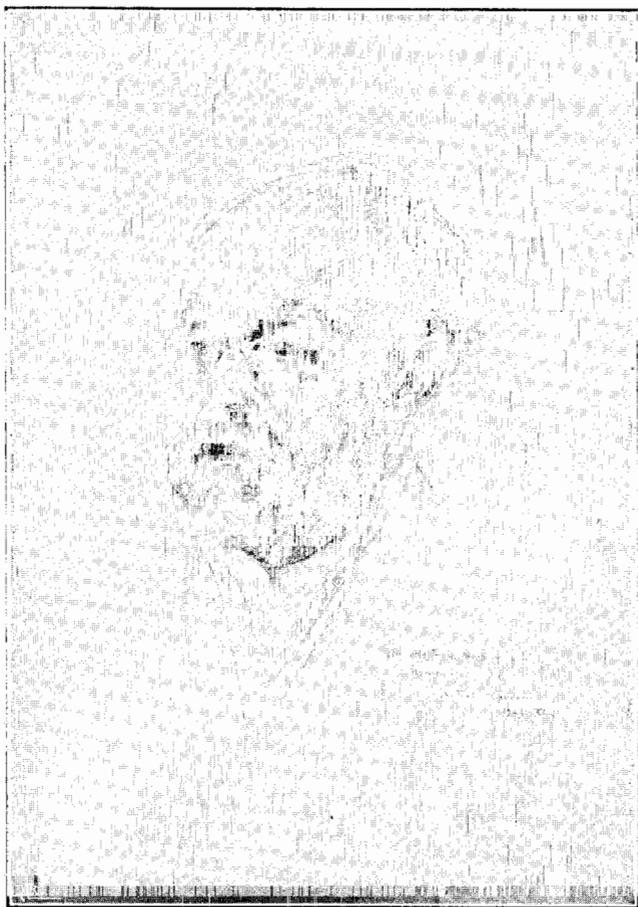
Dirigindo os seus cumprimentos ao Sr. Capitão Mário Cardoso, o Conferente, recordou o arqueólogo eminente que foi Martins Sarmento e com êle a geração da *Portugália*, que o considerou o seu Mestre, geração voltada para a terra portuguesa, para as origens da *grey*. Referiu-se ao *Vencidismo* e ao admirável núcleo de homens que o constituiu, todos preocupados com a situação nacional, com o nosso atraso e o nosso isolamento, esforçando-se por ligar a cultura portuguesa à cultura europeia, de cuja civilização andávamos arredados. Justamente, lembrou os objectivos dêsses intellectuais a propósito de Moreira de Sá, um *renovador* no nosso meio musical, que procurou, através de uma acção insistente alargar os limitados horizontes artísticos de então, com a propaganda, a divulgação, num sentido elevado, das mais belas produções musicais de todos os tempos.

Para melhor conhecer Moreira de Sá, entendia não ser indiferente historiar a sua fidalga genealogia, a ascendência que vem dos nobiliários e mencionada, entre outros, por Camilo e Pereira Caldas: uma linhagem de menestréis, de batalhadores e de poetas. Esta fidalguia, esta nobreza, manteve-a Moreira de Sá, não como alguns seus antepassados que foram poetas, mas como músico, e a Música é uma irmã da Poesia, entra na ronda apolínea das Artes. Disse que pouco sabia da meninice do Mestre, que devia ter sido prometedora e alude à primeira apresentação pública dos irmãos Moreira de Sá — Bernardo e Félix, o primeiro violinista e o segundo pianista, cujo retrato foi projectado na tela branca e muito interessou à assistência. Referiu-se a alguns dos concertos dados por êstes *meninos prodígios* em Lisboa e no Pôrto, com a assistência dos Soberanos e a colaboração de artistas muito conhecidos, então, no meio musical de Lisboa. De Félix Moreira de Sá pouco podia dizer: o seu génio aventureiro

levou-o para longe, para a América, de onde nunca mais veio, ignorando-se, até, o seu paradeiro; mas, de Bernardo Valentim pôde acompanhar-se a existência gloriosa para a Arte, desde a aprendizagem aos grandes concertos em que, como regente, executante ou organizador, êle avultou sempre. Aludiu a Nicolau Ribas e a Marques Pinto, seus primeiros professores, e, a propósito, descreveu a sociedade dêsse tempo, o Pôrto romântico, o velho Pôrto que Moreira de Sá conheceu ainda. Citou Miguel Angelo e a sua ópera *Eurico*, a batalha que, à sua volta, se travou e o papel que Moreira de Sá desempenhou na defesa de uma obra em que já havia muita reacção contra certa arte italiana, dominadora absoluta do gôsto dêsses tempos. Leu duas passagens interessantíssimas de Joaquim Leitão e Magalhães Basto, àcêrca de Miguel Angelo e dos aspectos do Pôrto antigo, para a compreensão do meio onde vivera o autor da cantata *Camões* e os violinistas Marques Pinto — cujo retrato projectou —, Nicolau Ribas e outros instrumentistas de nomeada.

O Sr. Dr. Aarão de Lacerda referiu-se à pequena orquestra dirigida por Dubbini e ao grupo de músicos que começou por se reunir em casa de João Miranda, para a execução de música clássica. Moreira de Sá, muito novo ainda, fazia parte dêsse grupo que pouco tempo se manteve. O ilustre conferente disse que o meio portuense já não podia bastar a Moreira de Sá, autodidata insaciável de saber, atraído para o Estrangeiro pelo que lia nas revistas àcêrca do intenso movimento musical a que nos mostrávamos tão estranhos.

Falou, então, da sua estada na Alemanha, dos seus estudos com o célebre violinista húngaro Joachim e dos incitamentos que, nesse meio magnífico, recebeu. Aludiu ao seu regresso a Portugal, conhecendo, já, a obra wagneriana, profundamente educado na criação beethoveniana, o maior culto, decerto da sua vida. Na sua Pátria, Moreira de Sá passou a ser um Mestre, palavra que o Conferente disse ver aplicada a esmo, mas que deve reservar-se a homens como Moreira de Sá, sôbre cuja vida há uma série de depoimentos, assinados pelas mais altas figuras literárias do nosso país, a destacar, justamente, a sua actividade artística contínua e devotada. Citou as suas grandes iniciativas



(Sanguinea de António Carneiro)

BERNARDO V. MOREIRA DE SÁ

para a alta cultura musical: a fundação da Sociedade dos Quartetos, a criação do Orfeão Portuense, concertos históricos, os dois *Quartetos*, a constituição de orquestras, a promoção de conferências e de audições históricas com o objectivo de estudar, de dar a conhecer a evolução de determinados estilos, formas ou géneros musicais.

O Sr. Dr. Aarão de Lacerda destacou, sobretudo, a acção de Moreira de Sá na *causa* da Música de Câmara. Referiu-se às suas memoráveis excursões artísticas, acompanhado de Viana da Mota, Bauer e Casals, que tiveram um êxito notável no Brasil e na Argentina, e insistiu na revelação que êle fez em Portugal da obra de Brahms, outra grande paixão da sua vida. O autor de *Lucernas* deteve-se a historiar o que Moreira de Sá fez no sentido desta cultura *transcendente* da Música, duma arte que se não dirigia ao número, à quantidade, mas a uma selecção de almas. Mencionou algumas efemérides da sua vida artística e os mais notáveis colaboradores, quasi todos seus discípulos, que o codjuvaram na obra imensa que constitui um verdadeiro mestrado artístico.

Falou de Moreira de Sá, pedagogo, nos seus esforços para a criação de um Conservatório no Pôrto, na organização dêste, mais tarde, tão sãbiamente preparado, que Viana da Mota o julgou modelar. E, por último, analisou o escritor, detendo-se na *História da Evolução Musical*, visão geral da Música através dos tempos, um somatório de experiências estéticas, precioso nas conexões estabelecidas e para o estudo da genética das grandes obras artísticas.

O Conferente disse que lhe deveu muito, bastando lembrar o que foram as sessões de música de câmara no salão da Casa Melo Abreu, onde ouviu um vasto programa, todo comentado por êle em palavras breves, claras e pronunciadas com uma devoção impressionante. Aí — acentuou o Sr. Dr. Aarão de Lacerda — ouviu um *Quarteto* de Ravel e algumas outras composições contemporâneas, que êle interpretou e estudou com o interêsse notado a tudo o que fôsse, simplesmente, Arte. O Conferente citou, a propósito, uma frase de Carlos Ramos: *Moreira de Sá não cris-*

talizou num classicismo de convenção, nem teve a supers-tição da modernidade.

Terminando a sua admirável Conferência, o Sr. Dr. Aarão de Lacerda apontou o retrato que António Carneiro, o pintor-poeta, fez de Moreira de Sá, um retrato espiritual «metafísico, desenho desta singular figura de artista e de lutador».

Aplausos vibrantes e prolongados remataram a oração de Aarão de Lacerda que foi, na verdade, a moldura verbal mais adequada à figura do Artista e do Mestre. Elogio académico de Moreira de Sá se poderia chamar à conferência que escutámos, porque, desde o aticismo da expressão ao rigor da análise objectiva e subjectiva, ela foi modelar. Justíssimo, pois, o agrado com que o auditório, finda a exposição do notável trabalho, se manifestou.

O Major de Engenharia Fernando Moreira de Sá proferiu o discurso de agradecimento em nome da Família e o Prof. Luís Costa, Helena e Madalena Moreira de Sá e Costa realizaram um concerto encantador

Levantou-se, depois, o Sr. Major de Engenharia Fernando Moreira de Sá, a quem, como representante da família do homenageado cumpria agradecer aquela solenidade comemorativa.

Começou :

— Levantando-me para expressar o reconhecido agradecimento da parte da família Moreira de Sá à douda e prestigiosa entidade que realiza esta sessão de consagração, eu sei que só com palavras que revista da maior singeleza posso corresponder à sinceridade que impulsionou a Sociedade Martius Sarmiento ao promovê-la.

E acrescentou :

— Numa série de artigos publicados durante o período da Grande Guerra, e reproduzidos nas suas «Palestras Musicais e Pedagógicas», meu pai, cujo espírito em todos os sectores da sua actividade se encontrava sempre banhado pela luz das elevadas regiões da Harmonia, impressionado com a assombrosa calamidade que caíra sobre o mundo, em que as nações que representavam o mais alto grau de civilização se achavam empenhadas numa guerra de extermínio feroz, escreveu páginas tôdas tocadas de um doce pessi-

mismo sôbre o progresso da Humanidade sob o triplice aspecto das faculdades de inteligência, vontade e sensibilidade moral.

Depois de evocar uma significativa opinião do Dr. Jaime de Magalhães Lima, disse :

— Hoje, a 20^o anos de distância, quasi que se repetem as circunstâncias dolorosamente constatadas em que se deflagra a funda desarmonia entre as nações e entre os homens, e não deixa o dia a dia da nossa vida, tal a intensidade dramática que atingem as lutas de tôda a ordem à nossa volta, de ser ensombrado pelo reflexo das suas chamas. Reproduziria, hoje, por certo, meu pai as palavras que, então escrevia, tocadas do mesmo pèssimismo de sorridente amargura. Mas, certo estou, também, de que o seu espirito, nesta noite aqui tão alevantadamente invocado, me aponta, como afirmação consoladora da persistência das grandes virtudes dos homens, apesar de tudo, êste exemplo que a Sociedade Martins Sarmiento patenteia, promovendo um acto que representa um elevado sentimento de culto pelos espiritos que passaram na terra como exemplo e ensinamento.

A concluir :

— Representante, aqui, dos herdeiros do seu sangue, que portanto receberam as primícias das suas bênçãos, permitam V. Ex.^{as} que, na vasta sementeira de sentimentos, acções, pensamentos, que deixou espalhados à volta da sua memória entre os homens, eu colha uma parcela daquele sentimento que mais exprime a afirmação de uma reconhecida gratidão : E' a própria infinita bondade de Bernardo Valentim Moreira de Sá que, neste momento, por mim, diz a V. Ex.^a : — Obrigado, muito obrigado !

O filho de Moreira de Sá recebeu, também, muitos e carinhosos aplausos.

Em seguida, para comêço do Sarau de Arte, a jovem e já consagrada pianista D. Helena Moreira de Sá e Costa tocou *Canto de fadas*, de Luis Costa, e *Dança Húngara*, de Brahms. Sua irmã, D. Madalena Costa, violoncelista admirável, discipula de Guilhermina Suggia, apresentou-se em *Adágio*, de Eccles, e *Minuete*, de Rameau. D. Helena Costa voltou ao piano para tocar *Canto polaco*, *Nocturno* e *Valsa*, de Chopin, e D. Madalena Costa fez-se ouvir, ainda, em *Nina*, de Pergoleso, e *Gavotte*, de Mehul. Seu pai, o eminente pianista, professor e compositor Luis Costa, interpretou, depois, duas encantadoras peças de sua autoria, *Pelos montes fora* e *Campanários*, e a *Balada*, de Chopin, confirmando, uma vez mais, as suas faculdades de concertista de grande classe.

Os três colaboradores do Sarau de Arte foram distinguidos pelo auditório com palmas intensísimas. A's duas gentilísimas

filhas de Luís Costa e netas de Moreira de Sá foram oferecidos pela Sociedade Martins Sarmiento ramos de flores de extraordinária beleza, entregues por uma interessante filhinha do Sr. Capitão Mário Cardoso.

Extinto o eco das derradeiras palmas, o Sr. Comandante João de Paiva, em nome da Câmara Municipal do Pôrto, que representava ali, com o seu prestigioso colega da Comissão Administrativa Sr. Dr. Luís de Pina, proferiu uma breve e concisa saudação à memória de Moreira de Sá, informando a Câmara Municipal de Guimarães, a Sociedade Martins Sarmiento e o auditório de que, por deliberação tomada na sessão que, nesse dia, se efectuara, fôra dado o nome do grande vimezanense a uma das ruas do Pôrto, o que *O Comércio do Pôrto*, ontem, noticiou.

A comunicação do Sr. Comandante João de Paiva foi acolhida com aplausos entusiásticos.

O Sr. Dr. José Francisco dos Santos, encerrando a sessão, manifestou o júbilo da Câmara Municipal de Guimarães em colaborar nas homenagens à memória de Moreira de Sá e saudou a família do insigne musicólogo, o conferente e os três concertistas, cumprimentando, também, a Sociedade Martins Sarmiento, promotora daquela sessão solene e daquele sarau de arte inesquecíveis.

Foi, também, muito aplaudido.

Um jantar na Penha e um "Pôrto de Honra,, nos Paços do Concelho

Como já noticiámos, foi oferecido, pela Sociedade Martins Sarmiento, à família de Moreira de Sá, ao Sr. Dr. Aarão de Lacerda e ao Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, um jantar, que se realizou no Hotel da Penha, donde se contempla um panorama formosíssimo. O Presidente da Direcção da importante Instituição, Sr. Capitão Mário Cardoso, proferiu algumas palavras de saudação, afirmando que a Sociedade Martins Sarmiento se sentia honrada com a iniciativa que tomara e, em particular, com a presença, ali, de pessoas tão categorizadas, entre as quais aquelas que pertencem à família do glorioso homenageado dêsse dia.

Após o sarau de Arte na Sociedade Martins Sarmiento, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães ofereceu, na sala das sessões dos Paços do Concelho, imponente e sóbria, ao

mesmo tempo, de linhas e motivos decorativos, um *Pôrto de Honra* que foi, afinal, uma profusa e delicada ceia fria.

O Sr. Dr. José Francisco dos Santos brindou pelos seus convidados, agradecendo-lhe os Srs. Capitão Mário Cardoso e Major de Engenharia Fernando Moreira de Sá.

O Orfeão Lusitano fez-se representar pelo seu director-artístico, o Maestro Afonso Valentim.

Cêrca das três horas da madrugada, após uma tarde e uma noite de evocações impressionantes, os convidados que do Pôrto se haviam deslocado à cidade natal de Moreira de Sá para tomar parte nas homenagens à memória do Mestre, empreenderam o regresso. E regressaram convencidos de que o grande musicólogo se agigantara, nesse dia soleníssimo, para a veneração dos seus admiradores e para a saúde dos seus amigos.

*

* *

Centenário de GIL VICENTE

Finalmente a celebração, em Guimarães, do IV Centenário da morte de Gil Vicente, atingiu foros de acontecimento nacional, pela elevação que, na sua impressionante sobriedade, revestiu. À comemoração, promovida pela Câmara Municipal, deu a Sociedade M. Sarmento franca adesão e activa cooperação, realizando na sua sede, na noite de 8 de Junho, uma grandiosa Sessão Solene, na qual usou da palavra o notabilíssimo Poeta e Homem de Letras Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, que aos estudos vicentinos tem dedicado uma grande parte da sua magnífica obra.

Do que foram as comemorações a Gil Vicente na cidade de Guimarães, sua terra natal, deram expressivas notícias vários jornais locais, bem como os diários do Pôrto e de Braga.

Reproduzimos da reportagem do "Jornal de Notícias", do dia 10 de Junho:

Gil Vicente, o imortal fundador do Teatro Português, o Poeta e o Artista que viveu há quatro séculos, e cujo centenário passou há pouco, foi ontem glorificado na sua terra natal.

Deve-se à benemérita S. M. S. a iniciativa desta comemoração centenária, pois aquela instituição cultural que muito honra